

**Apontamentos do encontro dos responsáveis de Comunhão e Libertação  
com Davide Prospero e Francesco Cassese  
sobre a carta do Papa Francisco a todo o movimento  
Milão e por videoconferência de Itália e do mundo, 20 de fevereiro de 2024**

**Francesco Cassese.** Hoje estamos reunidos – os membros da Diaconia da Lombardia presencialmente, e os responsáveis do movimento em Itália e em todo o mundo por videoconferência – para perceber melhor o significado e o conteúdo da carta que o Papa Francisco enviou ao Davide e a todo o movimento no passado dia 30 de janeiro.

Considerámos que era importante organizar este encontro por duas razões principais: em primeiro lugar, pela importância e pelo valor que esta carta tem para a nossa história e, precisamente por isso, queremos evitar correr o risco de a subestimar; em segundo lugar, para tentar abordar em conjunto as muitas questões que surgiram depois da reação positiva que todos sentimos quando a recebemos e lemos.

Pedimos ao Davide que nos ajudasse a analisar esta carta em conjunto. Depois, será da responsabilidade de cada um de nós comunicar às nossas comunidades o que surgir.

Ao preparar o trabalho desta noite, partimos de um diálogo entre responsáveis que teve lugar na semana passada, dos muitos contributos e perguntas que nos chegaram e pelos quais vos agradecemos. Este é o primeiro sinal da responsabilidade que sentimos em comum. Eu sou o porta-voz deste diálogo.

Faço questão de dizer que esta carta diz respeito a todos nós, ninguém se deve sentir excluído porque, por um lado, como diz São Paulo, somos membros uns dos outros, por outro lado, acreditamos e estamos convencidos de que nela há um convite a um passo de consciência para todo o movimento.

Como sabem, esta carta tem origem na audiência que o Davide, juntamente com Monsenhor Santoro, teve com o Santo Padre no passado dia 15 de janeiro. Por isso, começo por te pedir se nos contas alguma coisa sobre esse encontro.

**Davide Prospero.** Antes de mais, agradeço-vos os muitos contributos que enviaram, porque é o sinal de que existe uma certa sensibilidade entre nós e penso que este é um fator muito importante.

Lembro-me – todos nos lembramos – do célebre encontro em Roma, no Domingo de Ramos de 1975, quando Giussani, na sacristia, ouviu Paulo VI dizer-lhe: «Coragem. Vai na estrada certa» (*Luigi Giussani – A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 530). Naquele instante, pensou que o então arcebispo Montini lhe tinha dito alguma coisa de parecido no final dos anos cinquenta, diante do resultado positivo da Missão Cidadina em que Giussani tinha envolvido toda a *GS (Liceus)*: «Não percebo as suas ideias e os seus métodos, mas vejo os frutos e digo-lhe: continue assim» (ibid., p. 227). Aquele «continue assim» marcou todo o nosso caminho; quantas vezes *don* Giussani no-lo repetiu!

Creio que hoje estamos diante de uma coisa que tem o mesmo alcance, porque esta carta é uma confirmação e um relançamento, exatamente como aquelas palavras. E ninguém sonhava então em começar a vociferar sobre o «não percebo os métodos», porque a atenção foi toda para o «vejo os frutos... continue assim».

É importante que todas as perguntas que temos sejam perguntas verdadeiras, precisamente para avançarmos e ajudarmo-nos a perceber cada passagem do texto. Aliás, Giussani também levou a sério aquele «não percebo os métodos».

Agora, para responder à tua pergunta, no passado dia 15 de janeiro, Monsenhor Santoro e eu contámos ao Papa o caminho percorrido pela Fraternidade e pelos *Memores Domini* no período que se seguiu à audiência na Praça de São Pedro de 15 de outubro de 2022, a forma como tínhamos retomado o seu discurso e os passos que tínhamos dado. Devo dizer que fiquei positivamente surpreendido por encontrar o Papa muito consciente e informado – muito mais do que eu imaginava – sobre o caminho

que estamos a fazer e os conteúdos que propusemos, por exemplo, na Jornada de Início de Ano. Um sinal de que nos acompanha de muito perto. Isso dá-me um sentimento de enorme gratidão, precisamente por causa da desproporção que sinto: ele é o chefe supremo de toda a Igreja e nós somos um grão de areia; no entanto, ele tem este olhar, esta amizade para com o movimento. Foi precisamente esta a percepção que tive.

As palavras da carta refletem, de facto, o conteúdo do diálogo que tivemos com ele. Portanto, confiem na carta e não nos artigos que saíram nos blogues...

**Cassese.** Acima de tudo, acho que na carta há palavras de encorajamento e de conforto para os passos que estamos a dar. Como disseste, isso enche-nos de gratidão e torna-nos mais seguros do caminho que estamos a fazer. Do mesmo modo, sentimos que a nossa responsabilidade é fortemente chamada. Chego assim à primeira pergunta que nos colocámos para este encontro: como é que esta carta interpela a nossa vida?

**Prosperi.** As palavras do Papa são poderosas e densas, cheias de significado para o tempo que estamos a viver. Espero, por isso, que sejam lidas por todos com atenção, não nos limitando a ter delas uma ideia geral, ou seja, que sejam compreendidas nos seus vários sublinhados e nas suas várias passagens, e depois acolhidas com abertura de coração, para nos identificarmos com o olhar que ele tem sobre a experiência de fé de cada um de nós e das nossas comunidades. É, seguramente, um documento muito importante, como de resto também o referiram outras realidades eclesiais. Quisemos publicar no site de CL a carta que me foi enviada por Margaret Karram, presidente dos Focolares, que considerou as palavras do Papa interessantes e úteis também para si.

Para mim, o primeiro sentimento foi, naturalmente, de profunda gratidão pela vontade do Santo Padre de nos acompanhar tão de perto. Não era devido; pelo menos para mim, este gesto não era de todo devido! Apesar de serem os setenta anos do movimento e de haver o aniversário de Giussani (como todos os anos), uma carta tão atenta e cheia de ternura, e ao mesmo tempo cheia de profunda estima pelos nossos esforços, é verdadeiramente um grande dom. Nela, há um sinal claro de confirmação e de apoio, diria mesmo de amizade. É um sinal que nos dá coragem, porque nós – que por vezes temos o passo incerto – humildemente nos pomos de novo a caminho, sabendo que estamos na direção certa. Esta é talvez a coisa mais importante, mais decisiva do que qualquer outro aprofundamento legítimo e necessário que tenhamos de fazer. O caminho é o certo. Isto relança-nos na nossa responsabilidade de uma forma, diria, radical. Conscientes dos nossos limites, da pequenez a que muitas vezes nos reduzimos, este relançamento da responsabilidade abre de novo o nosso coração e não pode deixar de nos fazer querer converter-nos ainda mais, sempre, em cada momento, como sempre dissemos e como Giussani sempre nos disse desde o início.

É aqui que entra, para mim, o tema da unidade, que está no centro da carta. O caminho, de facto, é precisamente o da unidade, da comunhão, em primeiro lugar com o Papa e a Igreja, e depois com aqueles que a Igreja reconhece como responsáveis do movimento.

Se é verdade que a unidade nasce de um dom, é igualmente verdade que um dom sem uma adesão, sem um impulso de seguimento autêntico, é um dom desperdiçado. Para nós mesmos e, em última análise, para todos.

Por isso, esta carta não só não deve ser subestimada, como é muito importante que nos empenhemos, nós em primeiro lugar, e depois ajudemos todos a fazê-lo, em perceber bem qual é a mensagem, a provocação positiva que o Papa nos lança na confirmação da sua proximidade e de que estamos no bom caminho.

**Cassese.** A potencialidade do nosso carisma, dizia-nos o Papa a 15 de outubro de 2022, ainda deve ser em grande parte descoberta. A certa altura, na carta, encoraja-te a «prosseguir o trabalho realizado e que visa a preservação da uma visão integral [do carisma]». O que significa «preservação da visão integral do carisma»? De que precisamos para não cairmos numa visão parcial – o Papa escreve «unilateral» – do carisma? Como manter uma atitude de vigilância a este respeito?

**Prosperi.** É precisamente este o caminho que estamos a tentar seguir nestes meses: antes de mais, o reavivar daquilo que nos foi proposto por Giussani, um olhar para a memória do fundador (estamos a pensar no retomar do “PerCurso” na Escola de Comunidade e na Jornada de Início de Ano), em confronto com os desafios do contexto atual. Como disse no início, o Papa estava consciente da proposta e do conteúdo da Jornada de Início; e foi referindo-se em especial a isso que sublinhou que estamos no bom caminho.

Da mesma maneira, a proposta educativa está a sublinhar a importância da presença nas suas dimensões fundamentais de cultura, caridade e missão (recordar-se-ão que, na audiência de 15 de outubro de 2022, o Papa também falou sobre isto, referindo-se à nossa «extraordinária história de caridade, cultura e missão»). Até uma retoma do desenvolvimento da presença no reconhecimento do valor das obras e da ajuda recíproca na tentativa de um juízo comum a respeito dos desafios que afetam a sociedade civil; isto é verdade sobretudo para os adultos, mas também é válido para os nossos jovens, para as realidades educativas (CLU, GS). De resto, o tema da unidade joga-se em todas as dimensões e idades da vida.

Este trabalho, como nos disse o Papa a 15 de outubro, implica uma atitude do coração: «O homem humilde, a mulher humilde tem a peito também o futuro, não apenas o passado, pois sabe olhar para a frente, sabe olhar para os rebentos, com a memória cheia de gratidão. O humilde gera, o humilde convida e impele para aquilo que não se conhece. Ao contrário, o soberbo, repete, torna-se rígido [...], recua e fecha-se na sua repetição, sente-se seguro do que sabe e teme, receia sempre o novo porque não o pode controlar, sente-se desestabilizado por isto... porquê? Porque perdeu a memória» («Arda no vosso coração esta santa inquietação profética e missionária», suplemento de *Passos*, n. 4/2022, p. 14).

A visão integral do carisma – a descoberta da totalidade do carisma – é a meta constante do nosso caminho: nunca podemos dizer: «Temo-lo na mão, possuímo-lo». O importante é caminhar na direção certa. A visão integral não é um objetivo alcançado, mas aquilo para que caminhamos. Foi-nos dada no início como um caminho a seguir, não como uma definição a aprender e a repetir. Gostaria de sublinhar aqui que me impressionou o facto de que, em vez de querer explicar o que é a visão integral (enumerando os factores a ter em conta ou a eliminar), o Papa nos diz qual é o método para o fazer: seguir. Este é o sentido fundamental da segunda parte da carta. O método é seguir a estrada mestra e a estrada mestra é indicada de forma objetiva por quem guia.

Entre outras coisas, faz parte da integridade do carisma a consciência da eclesialidade. Neste sentido, cada um de nós pode verificar qual foi a sua reação perante esta carta: uma gratidão, um «quero perceber o que está escrito, sobre aquilo que não percebo pergunto»; ou uma queixa, do tipo «mas que mais tem ele para dizer? Por que é que volta sempre às mesmas coisas?». O carisma interessanos no seio do olhar integral da Igreja. Sem isso, não se percebia sequer *don* Giussani.

**Cassese.** Sobre o convite para evitar o unilateralismo, alguns contributos referem a necessidade de clarificar melhor o significado das palavras que o Papa nos disse na audiência de 15 de outubro na Praça de São Pedro: o que significa pluriformidade na unidade? Como é que a pluriformidade ajuda a unidade? Percebemos que está sempre à espreita o risco de utilizar o tema da pluriformidade para afirmar a nossa medida ou sensibilidade, para nos defendermos do seguir. Podes aprofundar esta questão, de uma forma positiva?

**Prosperi.** Faço uma pequena premissa. A questão aqui é saber como é que a pluriformidade ajuda a unidade; não como é que a unidade não inibe a pluriformidade! Há uma ordem de prioridades, e temos de perceber o que isso significa.

Como lemos no livrinho de Assis de dezembro, a comunhão entre nós não é apenas a muleta que sustenta a nossa experiência de fé individual. Pelo contrário, é da nossa comunhão que retiramos a clareza de olhar, o horizonte amplo e total que Cristo introduz na nossa experiência humana.

Não se trata apenas da forma como vemos as coisas. Tem também aspetos muito práticos. Lembrome que nas primeiras vezes em que participei nos encontros de responsáveis, à volta de *don* Giussani havia personalidades de grande profundidade e com temperamentos muito fortes, todos diferentes uns dos outros: o Piccinini, o Vittadini, o Cesana, o Giorgio Pontiggia, o Negri, o Baroncini, o Pino, etc. Por vezes chocavam-se (ainda hoje acontece, com os que ainda lá estão!). Mas percebíamos que aquele homem gostava de manter unida esta diversidade. O que fazia a unidade não era o facto de estarmos todos alinhados na repetição do mesmo refrão; e se alguém dissesse alguma coisa fora da linha, não era fuzilado. Não é isso que faz a unidade!

A comunhão existe no seio de uma diversidade que, no entanto (no entanto!), tende para o mesmo objetivo, seguindo o mesmo caminho, pelo que o outro se torna indispensável para ti, torna-se importante, fundamental, descobres que Deus to deu porque sem ele, que é tão diferente de ti, não chegarias àquela totalidade que o teu coração deseja. Caso contrário, não terias realmente necessidade dele; talvez precisasses dele do ponto de vista da tua serenidade psicológica, para te sentires confirmado, mas não precisarias dele para ti, para crescer, para te tornares maior e, portanto, mais seguro da presença de Cristo. Porque, como diz Giussani, através de todos os mestres que nos são dados, no fim, neste caminho, descobrimos que o verdadeiro Mestre é um só.

Volto a este assunto mais tarde, mas antecipo aqui um ponto fundamental: quando dizemos que é preciso reconhecer o Mestre, aquilo que temos de reconhecer é que o Mestre é um só.

Poderíamos perguntar-nos: sem *don* Giussani, aquela amálgama de personalidades tão diferentes teria conseguido manter-se unida? Falo por aquilo que pude experimentar: certamente que não, por duas razões que nos dizem respeito também a nós hoje e não só àqueles que viveram em contacto com a personalidade de *don* Giussani.

A primeira razão é que não fomos nós que decidimos estar ali. Tornámo-nos amigos estando ali; provavelmente, nem sequer nos teríamos conhecido se não tivéssemos sido chamados, convocados por alguém. Por que é que o Piccinini conheceu o Cesana? Por que é que se tornaram amigos? Porque foram escolhidos por outro (*don* Giussani, neste caso) e chamados a estar juntos. Por que é que eu havia de conhecer o Piccinini, o Cesana, o Giorgio, o próprio Giussani? E porque é que nos havíamos de tornar amigos? Porque todos nós fomos escolhidos por Outro e chamados a estar juntos. A consciência de si (para além do que se possa pensar das nossas qualidades e dos nossos limites) está na resposta a este chamamento. Isso coloca-nos junto do outro que é chamado *connosco*. E funda a nossa unidade, que é maior do que as nossas ideias e as nossas interpretações do carisma.

Mas há uma segunda razão, que (tal como a primeira, no seu significado) também se aplica agora que Giussani já não está cá. A segunda razão é que existe (existia e continua a existir) uma autoridade. E esta, dizia eu, era válida ontem, é válida hoje e sempre. É o reconhecimento de alguém que é dado e que torna fácil o nosso caminho, pelo que é conveniente seguir. Esta autoridade leva-nos a seguir aquilo que ela segue. O ponto de verificação não é o quanto somos amigos, ou o quanto estamos apegados à autoridade enquanto pessoa, mas o quanto aprendemos a conhecer e a amar aquilo que a autoridade segue, como nos recordou Ratzinger no funeral de *don* Giussani: «Tornou-se realmente pai de muitos [...], tendo guiado as pessoas, não para si, mas para Cristo» (A. Savorana, *Luigi Giussani – A sua vida*, op. cit., p. 1219).

A tarefa da autoridade é a de assegurar as margens e assinalar o caminho. Sem isto, não há caminho. Nesse caminho, há quem vá mais à frente, há quem fique para trás, e é preciso esperar por eles. E se alguém vai mais à frente e puxa mais, então a autoridade deve sublinhá-lo, deve ajudar todos a reconhecer que o Mistério está a comunicar-se de modo mais significativo, para o momento histórico em que nos encontramos, para o juízo em relação ao mundo, à Igreja e à nossa realidade, através de certas pessoas, de certas presenças, que todos nós devemos seguir. É a modalidade com que o Mistério nos faz dar passos.

Então, somos ajudados a perceber as razões e, portanto, temos mais facilidade em seguir. É isso que a autoridade deve fazer: ajudar-nos a ter as razões adequadas para seguir a circunstância a que Deus nos pede para obedecer. Caso contrário, seguiríamos como mulas que é preciso arrastar à força, se

não tivéssemos as razões positivas, se não reconhecêssemos a conveniência do seguir; mas não seria um seguimento verdadeiro.

Só podemos fazer experiência da liberdade e da plenitude na diversidade porque estamos unidos à raiz: esta comunhão baseia-se no facto de termos sido escolhidos e reunidos por Outro para uma missão no mundo. Se perdermos isto de vista, pouco a pouco, até aquele que foi escolhido connosco irá tornar-se um inimigo, porque é um obstáculo à realização do nosso projeto.

Dizia Giussani: «A grande ferramenta da mudança do mundo é a unidade eclesial, não a inteligência da consciência individual ou a astúcia da nossa cultura ou o progressismo do nosso espírito» (*Il movimento di Comunione e Liberazione. 1954-1986. Conversazioni con Robi Ronza*, Bur, Milão 2014, p. 87, nota 2).

Sem a referência constante ao facto de estarmos juntos num caminho guiado, a afirmação da pluriformidade torna-se um alibi para fazermos as nossas próprias coisas e arrastarmos os outros para as nossas incursões intelectuais, por mais fascinantes que possam parecer. Não pode haver “várias almas” no nosso movimento (o que seria uma forma elegante de dizer “várias correntes”), porque somos uma só alma. Esta história de “várias almas” é o que há de mais abstrato em relação ao que estamos a dizer; se assim fosse, ao convidar alguém a seguir-nos, estaríamos a afastá-lo das almas dos outros, especialmente daqueles que são indicados como guias. Este é, precisamente, o princípio do personalismo.

**Cassese.** O Papa recomenda-nos que «cuidemos da unidade entre vós». Isto recorda-nos o que a Jone nos escreveu: «Durante todo este tempo, o Carras viveu com uma preocupação e um desejo último pela unidade do movimento» («Uma doce companhia», Carta de Jone Echarri, 16 de janeiro de 2024, *clonline*). Também o livro sobre Andrea Aziani está cheio de recomendações de *don* Giussani a Andrea sobre o tema da unidade e de Andrea aos seus amigos, primeiro em Siena e depois no Peru. Tu há pouco referias que a unidade é um dom, mas é preciso uma iniciativa da nossa parte para o aceitar. São muitas as perguntas sobre este tema. Como é que cuidamos dela, se não é algo que fazemos mas que descobrimos entre nós? Se a unidade é um dom, que iniciativa nos é pedida? O que é que significa cuidar da unidade entre nós?

**Prosperi.** Antes de mais, precisamos de perceber por que razão é tão importante falarmos deste tema. A propósito disto, o Papa diz-nos que a unidade entre nós é que é a verdadeira guardiã da fecundidade do carisma: «Só ela, de facto, no seguimento aos pastores da Igreja poderá ser com o tempo guardiã da fecundidade do carisma». Guardiã da fecundidade, «só ela»! Quer dizer que não é tanto o facto de ter a interpretação mais correta que garantirá a fecundidade do carisma, mas é a unidade. Pode parecer paradoxal, porque é uma coisa que, em todo o caso – percebemo-lo bem – não depende de nós. Então, o que é que tem a ver connosco? Não sei se nos damos conta não só da importância, mas da beleza desta afirmação, que, aliás, Giussani, talvez por outras palavras, sempre sublinhou. Digo “beleza” porque a unidade, a tensão para a unidade, é sempre possível, é sempre acessível, mesmo na pior situação em que sentimos a ameaça da divisão, se não mesmo a dor das divisões em curso. Pretendo dizer que esta frase do Papa nos liberta da esterilidade de certas tomadas de posição, de certos confrontos dialéticos.

Oiçam o que *don* Giussani disse nos Exercícios de verão dos *Memores Domini* de 1991, em Corvara: «Cristo nunca chama uma pessoa sozinha. Chama-a sempre dentro de um contexto. Se alguém não reconhece esse contexto, impõe-se aos outros [...]. Resumindo: o amor à unidade é a coisa maior e mais difícil; é o milagre maior de uma personalidade nova. Sem esse amor à unidade, não há milagre. [...] A unidade, o abraço da unidade é a primeira característica, o sintoma fundamental do milagre de que Cristo entrou em mim. [Pelo contrário] O primeiro sinal de que Cristo está [apenas] formalmente em mim e objetivamente eu me imponho a mim mesmo é a renúncia à unidade, [...] é a não obediência e o não seguimento [...]. Eu sigo Paulo, eu sigo Apolo, eu sigo Cefas, eu sigo fulano, eu sigo beltrano. Não! Eu sigo Cristo, mesmo que na origem Cristo tenha usado Paulo, Cefas, Apolo. [...] O milagre supremo é a unidade que eu reconheço, aceito, sofro e amo com aqueles que ele colocou junto de

mim» («Passiamo all'altra riva», Exercícios de verão da Associação *Memores Domini*, Corvara, 27 de julho -1 de agosto de 1991, *pro manuscripto*, pp. 63-64).

A indicação do Papa é muito precisa: o que favorece a continuidade do carisma não é a interpretação mais correta, a dialética que se possa estabelecer entre nós sobre os contornos do carisma, mas a unidade. Insisto nisto precisamente porque várias vezes recebi, direta ou indiretamente, perguntas ou queixas sobre o facto de continuarmos a falar de unidade. Talvez porque ainda não percebemos verdadeiramente o que está em jogo.

Oiçam ainda o que *don* Giussani diz no livro-entrevista a Robi Ronza, fazendo um juízo sobre uma das passagens mais dramáticas da nossa história (e não só da nossa), o sessenta e oito, quando as divisões se tornaram evidentes: «O que primeiro fez estalar esta experiência, depois de vários anos desde que tinha começado, foi o reafirmar de um conceito de Igreja em que sobretudo as categorias de unidade e de autoridade eram entendidas de um modo, a meu ver, lábil e genérico, em todo o caso diferente do tradicional entre nós. [...] Para mim e para outros, a realidade que salva o homem e o mundo é Cristo e a Igreja, da qual a unidade dos crentes (entre si e com a autoridade) é a expressão e o sinal supremo na história. Por isso, antes de mais, e em qualquer caso – dizíamos – devemos salvar esta unidade com a autoridade e entre nós» (*O movimento de Comunhão e Libertação. 1954-1986...*, op. cit., pp. 63, 62).

Esta ênfase na unidade não é verdadeira só porque está no Evangelho ou porque Giussani fala dela. É verdadeira, antes de mais, existencialmente, pois fazemos continuamente experiência dela! Cada um de nós pode comprová-lo, pensando na sua vida e na vida dos outros. Pensemos nas nossas famílias, para ficarmos no concreto: é evidente que quando não há unidade, a pessoa sente-se mal e até as dificuldades mais triviais se tornam montanhas intransponíveis. Porque, desculpem, se estamos numa família onde há divisão, e há quem dê mais razão à mãe e quem dê mais razão ao pai, e todos estão divididos, isso dá-nos segurança? Torna-nos mais serenos? Torna-nos mais felizes por viver? Torna-nos mais abertos à esperança no futuro? Não, torna-nos mais intimidados, inseguros, sofrendores: paralisa-nos! Crescemos mais confusos! Só a partir da experiência de uma unidade vivida é que nasce uma humanidade certa.

Como eu referia, a unidade é um dom que exige iniciativa por parte de quem o recebe, ou seja, o «cuidado» de que fala o Papa. Limitar-se a dizer que é um dom, sem implicar a nossa liberdade, sem exigir a nossa iniciativa, é apoiar, de facto, um desinteresse. E assim o dom é desperdiçado, não dá fruto. Giussani, precisamente a propósito do “cuidado da unidade”, é muito claro a esse respeito: «A imagem de uma potência que arrasta automaticamente o homem sem a sua iniciativa de liberdade é contra a ideia do Deus cristão: de facto, nenhum gesto realizado por outros pode substituir o nosso gesto livre» (*Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, p. 143).

Que iniciativa é exigida? Seguir. Voltaremos a este assunto mais tarde, mas quero antecipar uma coisa.

O que é que o tema da unidade tem a ver com a advertência contra o personalismo? É precisamente este o ponto. O personalismo nasce de nos considerarmos a última palavra, de nos considerarmos indispensáveis para que as pessoas que nos seguem possam continuar a crescer na fé e na afeição a Cristo. E assim consideramos mais importante que sigam tal pessoa do que estar em comunhão com o corpo da companhia, com aquilo a que Giussani chama uma «companhia guiada para o destino». Estamos a enganar aqueles que nos seguem se lhes inculcarmos esta suspeita. Diz Giussani: «O amor pela unidade, também visível e sensível, é o critério para ver se se ama o Ideal mais do que uma visão pessoal dele, mais do que uma posição na comunidade, mais do que a si mesmo. Pela unidade, a pessoa deve inclusivamente aceitar morrer» (*O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 51). Li estas palavras para vos dar uma ideia da profundidade que o “cuidado” da nossa unidade tinha para ele.

**Cassese.** Em que consistem as chamadas de atenção que nos são feitas? Por que é que o Papa escreve que «é preciso ir além de interpretações personalistas, infelizmente ainda presentes»? Por que é que ele insiste em coisas que já disse?

Nos contributos lê-se: «Perante esta carta, bem como perante as intervenções anteriores do Dicastério ou as tuas, vejo muitas pessoas que não percebem a que se refere ou que não querem enfrentar a questão de frente. Talvez esta seja uma oportunidade para esclarecer estes apelos que nos são feitos há alguns anos. Não é tanto uma questão de nomear alguém em específico, espero que todos se sintam interpelados por estas palavras, porque elas dizem respeito a todos, sem excluir ninguém. Mas vale a pena dizer-nos de novo, talvez de forma mais explícita, quais os erros que cometemos nos últimos anos e que ainda estão presentes entre nós. Onde é que vimos isto?».

Todos nos lembramos da questão da doutrina da sucessão, referida na carta do Dicastério de junho de 2022. Depois, houve o convite a ir além da redução da experiência apenas a factores subjetivos. Sobre este ponto, parece-me que na Jornada de Início de Ano se deram passos de clareza. Por que é que o Papa insiste agora numa coisa que já disse? Alguém pergunta: «Como é que nos podemos ajudar uns aos outros para que isto não aconteça a todos, o que é que pode garantir que não se caia neste erro?»

**Prosperi.** Podemos sempre cair em erros, o problema é voltar a levantarmo-nos, como bem sabemos. Digo como entendi este apelo. Graças à paternidade com que o Papa nos está a acompanhar, podemos encarar estas chamadas de atenção não só sem medo, mas também, diria eu, com o desejo de as perceber cada vez melhor. É verdade, não é a primeira vez que estas coisas nos são ditas.

No entanto, a preocupação sobre o risco do personalismo (que diz respeito aos chefes, chefinhos, etc.) era uma preocupação fundamental, antes de mais, de *don* Giussani, não é com certeza um problema que o Papa tenha imaginado.

Tentemos considerar estes apelos pelo que eles são, no seio do reconhecimento de que o caminho é bom e da indicação de que a tarefa é cuidar da unidade. Neste contexto, o Papa diz que os mal-entendidos persistem. Ora, acrescento, esses mal-entendidos são por vezes apoiados por pessoas que têm ou tiveram uma responsabilidade mais ou menos formal na nossa companhia. Digo isto porque espero provocar em todos uma responsabilidade renovada na construção da obra comum.

Quantas vezes eu ouço como objeção: «Mas nestes anos eu fiz uma experiência, cresci» – claro! Ninguém põe isso em questão –, «onde é que estariam esses mal-entendidos? Então fiz mal em seguir?». Aqui está-se a falar do presente, do agora.

Por isso, tento identificar os pontos que vejo em ação e a partir dos quais surgem estes apelos.

Um primeiro ponto tem a ver com a afirmação de que «a unidade não é a coisa mais importante». Não devemos esconder o facto de que há, entre nós, quem nos últimos tempos tenha continuado, e continue, a defender que a unidade não é a coisa mais importante, porque – dizem – «há algo que vem primeiro, há algo mais importante». É um refrão que já ouvimos muitas vezes. E não podemos pensar que a nossa gente de boa-fé, que continua a ouvir esta afirmação, quando lê a carta do Papa não sinta uma dissonância, se tiver estima por quem lhe inculca estas ideias. É precisamente aqui que está em causa a nossa responsabilidade, daqueles que têm uma responsabilidade no movimento.

Se a unidade não é amada, não se realiza, não se torna história, critério da nossa vida e do nosso testemunho no mundo. Portanto, se este «algo que vem primeiro» – fundamental, porque sem Cristo não há unidade – não se realiza como unidade entre nós, se não se torna em nós seguimento responsável de um ponto último, continua a ser algo de abstrato.

Um segundo ponto diz respeito à relação entre autoridade e autoridade moral (que implica a questão do mestre). O Papa recorda-nos que é preciso seguir quem guia. Pode parecer uma coisa óbvia. Mas na experiência quotidiana – não me refiro apenas à condução última – quantas vezes corremos o risco de reduzir tudo a dizer: «Sou eu que reconheço quem é uma autoridade para a minha vida». Não que isto esteja errado. Não há nada de errado com uma afirmação deste tipo, era o que mais faltava que eu não pudesse reconhecer quem é autoridade para mim. O problema não está aí, mas surge quando tudo se reduz a isso e começa a ressoar um outro refrão que, pelo contrário, tem implicações importantes no que diz respeito ao caminho de reflexão que a Igreja está a fazer sobre a natureza e o

governo dos movimentos eclesiais. Poderíamos resumir assim a conceção que foi corrigida: «A condução numa realidade carismática é o mestre, e cada um reconhece o seu mestre». São coisas que continuam a dizer-se: «Mas porque é que o Papa tem de dizer que é preciso seguir quem guia, quando eu reconheço quem é autoridade para a minha vida, onde o carisma vibra mais», ou coisas parecidas. É disto que o Papa está a falar. São tudo menos fantasias, porque são coisas que, pelo menos a mim, mas sei que também a muitos outros, aconteceu ouvir.

Este modo de pensar apresenta o tema da autoridade moral em contraste com a autoridade, acabando por eliminar a diferença entre uma e outra, que também pertence ao ensinamento de *don* Giussani, e contornando a *objetividade* da relação com a autoridade, do método do seguimento. Ofereço-vos duas citações de Giussani, muito claras a este respeito.

Perguntam a *don* Giussani: «Qual é a relação entre a autoridade do carisma e a autoridade moral pessoal?».

Resposta: «A autoridade no carisma, para ser muito simples, é aquela que a Igreja reconhece. A Igreja reconhece a responsabilidade de um carisma. A autoridade moral pessoal é dada pela participação que uma pessoa tem na autoridade estabelecida» (*Um acontecimento na vida do homem*, Paulus, Lisboa 2020, p. 291).

Quem vive a participação com quem tem a autoridade ajuda toda a gente a seguir cordialmente a autoridade. Giussani fala de participação: deves ser o primeiro a seguir, porque se tu segues, então tornas-te autoridade. Não basta dizer: «É preciso seguir», porque é preciso estar envolvido, participar naquilo que convida a seguir. Que pode ser, aliás, deve ser, um participar de forma adulta, portanto também – sempre que necessário – dialético, mas sempre dentro de um seguimento. Não basta dizer: «Reconheço que há um responsável indicado», e depois não sermos nós os primeiros a seguir. O que é que verá quem me está a seguir, para além do apelo verbal ao seguimento? Giussani observa: «Se te reduces a uma obediência passiva não há verdadeira obediência. A obediência tem de implicar a adesão da totalidade da pessoa, com todas as suas capacidades vitais próprias» (*O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 149).

**Cassese.** Introduziste o tema da obediência. Na parte conclusiva da carta, o Santo Padre escreve: «Neste período tão decisivo para a vossa história depois da morte do fundador, dirijo assim a todos os membros do movimento um convite a seguirem o caminho tomado, sob a condução da Igreja, e a colaborarem com disponibilidade e lealdade com quem é chamado a guiar o movimento. Só esta obediência, continuamente redescoberta e alimentada, poderá assegurar entre vós uma experiência cada vez mais rica de vida cristã e a renovação da vossa presença no mundo, para o bem de toda a Igreja».

Podes ajudar-nos a concentrarmo-nos na relação entre o manter a unidade e a obediência? Porque é que seguir é razoável e não é uma alienação? Porque é que não é uma limitação que sufoca a nossa liberdade?

**Prosperi.** Acabámos de ouvir que para Giussani a obediência é uma identificação com as razões dadas por outro. Parece-me evidente que isto não significa impor uma linha. O confronto e o diálogo são sempre entre pessoas que colocam em jogo a sua liberdade. Se a liberdade vincula, e isso aconteceu, caso contrário não estaríamos aqui, então não podemos deixar de querer identificar-nos com aqueles a quem nos é pedido seguir. É uma identificação que chega a este ponto – são palavras de *don* Giussani à Fraternidade –: «É precisamente esta a grande regra: “Ser obediente até à morte”, à morte do nosso modo de pensar, de sentir; o contrário daquele “o que me parece e me agrada”, grande regra do mundo» (*La verità nasce dalla carne*, Bur, Milão 2019, p. 129).

E noutra ocasião, também nos Exercícios da Fraternidade, acrescentou: «É por isso que a referência à obediência assinala um dos pontos capitais para a adesão à nossa companhia. Não é necessário, para sermos homens cristãos e sermos salvos, sermos da nossa companhia; mas é necessário ter algumas coisas, para sermos da nossa companhia. A mais fundamental, para uma mudança de coração no



sentido que referi esta manhã, é a obediência, a obediência ao fluxo comum, guiado. Eu digo sempre ao grupo adulto que a regra é uma companhia guiada para o destino» (*Una strana compagnia*, Bur, Milão 2017, pp. 48-49).

Mas, pelo contrário, o que é que às vezes acontece? Acontece que dizemos: «Eu obedeço», mas com isso queremos simplesmente afirmar: «Eu não sou contra». Identificarmo-nos sem reservas é outra coisa. Tal como me contou a Jone, sobre quando ela e o Carras vieram para Itália para criar o Centro Internacional em Roma, em obediência a um pedido do movimento através de *don* Giussani. A Jone disse-me que, quando aterraram em Roma, disseram um ao outro: «Agora não há volta atrás!». Mas quando é que isto é razoável e não é alienação ou renúncia de nós mesmos? Isso só é possível quando se tem a certeza do caminho. Pelo contrário, se houver uma dúvida de fundo sobre o caminho, não se consegue! Não se consegue, afetivamente, por mais que te esforces. Pensemos se não é assim mesmo nas pequenas coisas. Pois bem, na minha opinião, esta é a grande questão que nos diz respeito a todos, não apenas agora, mas sempre. É um dos problemas que temos de enfrentar. Identificar-se sem reservas é aquilo que Jesus pede ao jovem rico: «Estás disposto a deixar tudo?».

Sobre isto, já respondemos um pouco na Jornada de Início de Ano. Agora quero acrescentar um elemento à luz do percurso que fizemos e da carta que o Papa nos escreveu. Identificarmo-nos sem reservas só é razoável se acontecer entre duas margens (como aprendemos desde o início da nossa história): por um lado, o coração, ou seja, a experiência e a verificação pessoal. Por outro lado, simultaneamente – porque é um “*et et*” –, o reconhecimento objetivo da Igreja (a carta do Papa é a expressão deste reconhecimento objetivo).

É por uma experimentada correspondência ao coração que estamos ligados ao acontecimento de Cristo. Não estaríamos aqui se alguma coisa não nos tivesse tocado tão profundamente na nossa humanidade que disséssemos, como São Pedro, naqueles momentos em que a nossa medida era ultrapassada por uma medida maior: «Também nós não percebemos, mas se te deixarmos, aonde iremos? Só tu tens palavras que explicam a vida». Apelar ao coração – como sempre dissemos – não significa fazer valer a nossa própria medida, mas a experiência que motiva a nossa confiança, a nossa abertura a seguir.

Giussani, no texto inédito que acaba de ser publicado na íntegra no site *clonline*, diz: «A unidade dos crentes é o rosto contingente, até mesmo banal, desta presença divina. E assim como, naquela altura, aqueles que o seguiam se tornavam cristãos e se transformavam, agora, aqueles que seguem esta unidade, a quem Cristo deu um sinal absoluto de objetividade, que é o bispo de Roma, o chefe da comunidade de Roma, porque tudo, tudo converge para isso»; e um pouco mais adiante fala do «magistério, que é uma realidade objetiva, infalível, porque a última palavra não está na minha interpretação, a última palavra está fora de mim, e este é um valor implícito do cristianismo: o valor último, a verdade é uma realidade fora de mim» («O cristianismo como acontecimento hoje», conferência de Luigi Giussani organizada pela Associação Charles Péguy e pelo Centro Cultural San Carlo. Milão, 28 de outubro de 1992, pp. VI, XI, *clonline*).

A questão do coração anda de mãos dadas com a objetividade, precisamente porque se trata de um “*et et*”, em que o coração é verdadeiramente valorizado no encontro com o rosto e a palavra de Cristo que nos alcança agora, que nos indica o caminho agora. Muito diferente de sufocar a liberdade!

Sobre isto, cito ainda Giussani: «Queria pedir-vos humilde e fraternalmente que fossem fiéis no seguimento do movimento; em tudo, se possível. Nunca nos arrependemos desta obediência, tanto mais que nas coisas contingentes, ou naquelas que são mais facilmente discutíveis, onde as opiniões podem mais facilmente divergir, mantermo-nos no seguimento da unidade da companhia faz sempre, mais cedo ou mais tarde, vir ao de cima a verdade que estava na vossa opinião, e que é reconhecida. Seja como for, a insistência em seguir as diretivas do movimento, em todos os âmbitos e a todos os níveis, deixa intacto o que sublinhámos ontem – se Deus o deixar intacto! – deixa intacta a vossa liberdade» (*La verità nasce della carne*, op. cit., pp. 78-79).

**Cassese.** Para concluir, chamou-nos a atenção o facto de, na sua carta, o Papa te recomendar, a ti e a todos os membros, que cuidem da unidade e encorajar-te, a ti e aos teus colaboradores. Pois bem,

nestas palavras, também nós nos sentimos chamados; também nós sentimos e desejamos exercer esta responsabilidade. Como é que nos reanimamos na nossa responsabilidade?

**Prosperi.** Está certa observação que fizeste: sempre que se refere a mim, acrescenta uma referência a vocês. Quando és chamado, também és responsabilizado. É uma responsabilidade – minha, vossa e de todos os nossos amigos do movimento – para com toda a Igreja.

Esta pergunta dá-me a oportunidade de sublinhar uma recomendação final nas palavras do Papa e um ponto de consciência que deve amadurecer cada vez mais na nossa experiência. Refiro-me à questão da condução comunal.

O que significa condução comunal? No nosso ADN, a unidade é possível, como dizíamos, no seguimento da autoridade, que para nós sempre foi uma condução pessoal: há uma pessoa que guia, seguimos alguém. O que é que isto tem a ver com a condução comunal? Por outras palavras, o que significa que uma condução é pessoal e comunal ao mesmo tempo? Como é que uma não prejudica a outra? Se há uma pessoa que guia, em última instância segue-se alguém. Já o dissemos muitas vezes. A questão é saber se essa pessoa é uma expressão de si mesma ou é expressão de uma comunhão. Se olharmos para o caminho que percorremos este ano, todos os passos mais significativos, até à concentração nos conteúdos dos Exercícios de Fraternidade, as férias de verão, a Assembleia Internacional de Responsáveis e a Jornada de Início de Ano, foram fruto do juízo sobre a experiência vivida pela nossa companhia, ou seja, pela nossa comunhão. Porque a própria condução deve refletir a comunhão como ponto a seguir. A expressão da autoridade ou é “dialogada”, ou é autoritária. Isto é verdade desde o início da Igreja: o próprio Jesus inaugurou este método.

A este propósito, permitam-me mais uma citação do recente texto inédito de Giussani: «Mas essa identidade já era visível no tempo do próprio Cristo. Como não podia ir a todo o lado, enviava os seus, dois a dois, às aldeias que O procuravam; e eles voltavam entusiasmados, dizendo: “Mestre, aquilo que fazes, também nós o fizemos; os milagres que fazes, também nós os fizemos. As pessoas também nos ouvem” (cf. Mc 6,7-13). O mesmo fenómeno que acontecia onde Ele estava, acontecia na aldeia onde dois iam. Como é que Cristo estava presente na aldeia onde dois iam? Através daqueles dois que tinha enviado. O método que Cristo utilizou para continuar a Sua presença entre nós, o método que utilizou estava já em vigor quando Ele estava vivo. Através da presença daqueles que acreditam n’Ele, Ele está presente, no sentido literal da palavra. Portanto, o cristianismo como acontecimento é Deus feito homem e presente na história, no seio [...] da unidade daqueles que acreditam n’Ele» («O cristianismo como acontecimento hoje», op. cit., p. 4, *clonline*).

Como posso ter a certeza de que, seguindo esta companhia guiada, estou na verdade? Uma característica da condução comunal – já o referi – numa realidade eclesial é a de ser reconhecida objetivamente, e não apenas subjetivamente. Há o meu reconhecimento, através da verificação da minha experiência, e há o reconhecimento objetivo da Igreja. Por isso sabemos que o caminho é verdadeiro.

Gostaria de concluir retomando a passagem inicial da carta. Não quis deixar de entrar também nos pormenores das passagens, respondendo às muitas preocupações justas que surgiram, que são um sinal de que queremos perceber, de que queremos estar cada vez mais seguros e alegres no caminho que estamos a fazer, até pela tarefa que nos foi confiada. A passagem inicial é o primeiro motivo de gratidão, pelo menos tal como eu o experimentei: «Estou grato ao Senhor pela vitalidade que o movimento demonstra continuamente na sua obra de evangelização e de caridade para com os homens e as mulheres de hoje». Está a dizer-nos que está grato ao Senhor porque o movimento continua a ser ele próprio, aliás, é-o cada vez mais; de facto, a obra de evangelização (a missão) e a caridade são expressão das dimensões da experiência cristã tal como Giussani as descreveu (cultura, caridade, missão).

O Papa chama-nos à unidade não apenas devido a um problema interno do movimento, mas como um valor para toda a Igreja, recomendando-nos que tomemos consciência da grande tarefa que temos para toda a Igreja e para o mundo. Isto é uma coisa grande. Só alargando assim o nosso horizonte é

que poderemos ultrapassar os personalismos e sarar as feridas que por vezes ainda afligem as relações nas nossas comunidades. O ímpeto da missão, do dom de nós mesmos em resposta ao chamamento que recebemos, ajuda-nos a identificarmo-nos com o «coração inchado» e transbordante de *don* Giussani quando subiu os degraus do Berchet, dando início à grande aventura da qual fazemos parte e pela qual estamos aqui esta noite.

Espero ter contribuído um pouco para esclarecer o conteúdo e o valor da carta do Papa. Peço-vos, portanto – aqui somos todos responsáveis, e é a razão pela qual ousei convocar-vos – que a utilizem para ajudar os nossos amigos no passo que todas as nossas comunidades são chamadas a dar.

**Cassese.** Vamos fazer uma oração.

*Gloria*

*Veni Sancte Spiritus*